

OS PARAKANÃ E OS AKWAWA EM PARANATIN*

Antônio Carlos Magalhães¹

RESUMO - O artigo aqui apresentado se constitui numa análise preliminar de alguns dados coletados entre os Parakanã do aldeamento Paranatin, tomando-se como ponto de partida a permanência, neste aldeamento, de dois índios pertencentes a um grupo tupi desconhecido, e, ao que parece, dizimado recentemente. Trata-se, pois, de analisar, por um lado, alguns aspectos da classificação social Parakanã no que respeita às categorias de diferenciação interétnica, ou, mesmo em face dos demais grupos Parakanã, residentes hoje nos aldeamentos "Marujewara" e Bom Jardim. E, por outro lado, registrar um fato que tem-se tornado comum na Amazônia, em especial no Estado do Pará, qual seja o da existência de indivíduos ou de famílias isoladas e remanescentes de povos indígenas, considerando as suas possibilidades de sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Índios, Índios Tupi, Parakanã, Classificação Social, Amazônia.

ABSTRACT - This work provides a preliminary analysis of data collected among the Parakanã indigenous people of Paranatin village, living in the state of Pará, Brazil. This study considers some aspects of Parakanã social classification regarding interethnic relations, as well as relations with other local groups of Parakanã currently living in the Marujewara and Bom Jardim villages. In addition, it registers the fact common in the Amazon and especially in Pará, of the existence of isolated indigenous individuals or families and considers their possibilities for survival.

KEY WORDS: Amerindians, Tupi Indians, Parakanã, Social Classification, Amazonia.

* Agradeço à Profa. Lux Vidal pelas críticas e sugestões feitas a este trabalho; as idéias aqui expostas são, todavia, de minha inteira responsabilidade.

¹ SCT/PR/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi - Depto. de Antropologia, Caixa Postal 399 - CEP 66040 - Belém-PA.

Akwa'awa ou simplesmente *akwawa* é a forma pela qual os Parakanã denominam seus inimigos, particularmente àqueles que pertencem ao mesmo tronco lingüístico que o seu, o tupi-guarani. Ao que tenho conhecimento, apenas três outras vezes termo semelhante foi registrado pela literatura etnográfica, tendo por referência um mesmo povo indígena, os Asurini do Tocantins. A primeira, por Laraia & Matta (1967), quando agregou-se ao nome Asurini, dado por funcionários do antigo SPI, a autodenominação "akuawa", com o objetivo de distinguir estes índios dos Asurini do Rio Xingu; infelizmente não foi apresentada qualquer tradução para o termo. A segunda, quando Nicholson (1978) registrou a palavra "akwawa", traduzindo-a por índio. Andrade (1992:16) também faz referência a estes significados, notando, porém, que "akwawa" entre esses Asurini designa os "índios do mato", "índios brabos", não contatados.

O artigo aqui apresentado se constitui na análise de dados coletados durante pesquisa de campo, realizada no segundo semestre de 1987², entre os Parakanã do aldeamento Paranatin, e tem como objetivo mostrar, de um lado, alguns aspectos da classificação social desse povo indígena, no que respeita às categorias de diferenciação interétnica, ou, mesmo em face dos demais Parakanã. Para tanto, toma-se como ponto de partida a permanência, pelo reduzido período de vinte e quatro horas, de dois índios pertencentes a um povo tupi desconhecido, recém-contatados e transferidos pela FUNAI para o aldeamento Paranatin. E, de outro, registrar um fato que se tornou comum ao menos por um tempo na Amazônia, e em especial no Estado do Pará, qual seja o da existência de indivíduos ou de famílias isoladas e remanescentes de povos indígenas, considerando as suas possibilidades de sobrevivência.

* * *

O povo indígena Parakanã se autodenomina *awa eté* (*awa* = gente; *eté* - intensificador - mesmo, de verdade). Habita historicamente uma vasta extensão de terras, situada entre os cursos médio dos Rios Tocantins e Xingu, no Estado do Pará, onde, atualmente, estão localizados em três aldeamentos distintos - Paranatin, "Marujewara", Bom Jardim. Os dois primeiros se encontram no interior da Área

² Esta pesquisa, cujo Projeto foi aprovado para o Curso de Doutorado em Antropologia Social/USP, tem por objetivo o estudo sobre a noção de pessoa. Uma análise preliminar dos dados foi apresentada à XVII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, durante o Grupo de Trabalho: "Rituais e Cosmologia...", em Florianópolis, cf. Magalhães (1990).

Índigena Parakanã - microrregião de Marabá, respectivamente às margens do Igarapé Paranatin e do rio do Meio, ambos tributários indiretos à margem esquerda do rio Tocantins. O aldeamento Bom Jardim, por sua vez, localizado na microrregião de Altamira, está estabelecido à margem direita do igarapé homônimo, o qual se constitui num dos formadores à margem direita do rio Xingu³, (Figura 1).

Divididos há mais de século e meio em dois grandes grupos⁴, os Parakanã estão compostos por um total de 530 pessoas (set./92), das quais 222, cerca de 41,88%, se encontram no aldeamento Paranatin⁵. Aqui, trinta casas abrigam um total de 42 famílias, sendo 12 poligínicas e 30 monogâmicas. Estes Parakanã mantêm, desde 1987, relações matrimoniais com outros povos Tupi da região; dois deles com mulheres provenientes dos Asurini do Tocantins e dois com mulheres Suruí do Sororó.

³ Enquanto a Área Índigena Parakanã tem o seu território demarcado de acordo com o Decreto nº 91.028/85, as terras dos Parakanã do Bom Jardim foram erroneamente delimitadas e interditadas pela FUNAI, segundo a Portaria nº 3.632, datada de 06/novembro/1987. Anteriormente, em 1985 foi encaminhada ao Convênio CVRD/FUNAI uma proposta para a demarcação territorial, obedecendo aos reais limites de ocupação indígena. Em 1988, o GT/FUNAI refez o estabelecido na Portaria supra citada, confirmando a área proposta em 1985 e, em fevereiro de 1991, a CVRD encaminhou ofício à FUNAI para que fosse homologada a demarcação das terras Parakanã do aldeamento Bom Jardim, correndo as despesas por conta daquela Companhia. A atual administração da FUNAI encaminhou ao Ministério da Justiça, em dezembro/91, ofício solicitando o deferimento para que se processasse a demarcação da referida área, o que foi aprovado em agosto/92. Até o presente momento, no entanto, ainda não foi estabelecido o processo demarcatório. Para maiores detalhes acerca dos limites territoriais do aldeamento Bom Jardim, v. Magalhães (1985/1988) e FUNAI (1988/1992).

⁴ Em termos históricos, e de acordo com os Parakanã de Paranatin, a razão da separação entre eles teria sido uma desavença interna a qual provocou a morte de *Moakara por Japoia*. Decidida a separação, um grupo atravessou o rio da Direita e tomou o rumo dos rios Bacuri, Pucuruí, Pacajazinho, assentando seus primeiros aldeamentos entre os rios Repartimento - *Paranô piperewa* e o igarapé *Jakuii*, ambos tributário do Rio Pucuruí; se constituem hoje nos Parakanã de Paranatin. O segundo grupo seguiu para a região do rio Cajazeiras, atravessando o rio da Direita, rumo sul, e se manteve às proximidades do igarapé Cajazeirinha - *Tywe* - um pequeno afluente do rio do Meio. Seus descendentes hoje se encontram nos aldeamentos "Marujewara" e Bom Jardim. A ocupação sócio-espacial deste território e a separação destes Tupi em dois grandes grupos encontra suporte no próprio mito de origem, em face da morte de um periquito pertencente ao grupo de descendência *Tapi 'pya*, por uma pessoa do grupo *Apyterewa* (sobre g. descendência, v. adiante). A morte dessa pequena ave teria sido o motivo para a separação dos Parakanã em dois grandes grupos. Para maiores detalhes sobre a separação Parakanã, v. Magalhães (1987/1990).

⁵ Os demais aldeamentos estão constituídos por 127 pessoas em "Marujewara", cf. dados de setembro/92, e 181 em Bom Jardim (FUNAI, 1992), correspondendo, portanto, o primeiro a 23.96% e o segundo a 34.15% daquele total.

Nesta região ocupada tradicionalmente pelos Parakanã, observa-se, na década de 70, a marcante atuação do Estado, tendo por objetivo a reordenação na ocupação do espaço amazônico, mormente junto ao eixo das microrregiões de Marabá e de Altamira, e com acentuada presença em toda a região sudeste do Estado do Pará, contribuindo decisivamente para a ocorrência de problemas diversos junto às terras indígenas⁶. A partir da década seguinte tem-se registrado fatos que, se não inusitados, muito pouco se tem conhecimento na história mais recente desta região. Famílias, ou indivíduos isolados, ao que tudo indica "perdidos" e sobreviventes de conflitos com outros índios ou regionais, têm sido "encontrados", com certa freqüência, por madeireiros, posseiros, garimpeiros, etc. Recentemente, os casos registrados são: a) o de duas índias Kayapó, mãe e filha, contactadas pela FUNAI, entre 1987/88, às proximidades do rio Jamaxim, microrregião de Itaituba, centro-oeste do Estado do Pará; de acordo com a então Superintendência desse órgão, sediada em Belém, ambas estariam sobrevivendo há aproximadamente vinte e cinco ou trinta anos a sós no interior da mata - hoje, se encontram no aldeamento Kuben-Kokre, interior da Área Indígena Mekrãnoti, às proximidades do rio Iriiri; b) o de uma família Araweté que se encontrava em perambulação às proximidades do aldeamento Kayapó-Xikrin do Cateté, sem que soubesse da existência de seus parentes junto ao igarapé Ipixuna, a quem julgavam mortos; essa família entrou em conflito com os Xikrin do Cateté, em setembro de 1987, e a permanência daquela como refém destes Kayapó acabou por possibilitar à FUNAI a sua transferência ao aldeamento Araweté; c) e, por último, dois jovens pertencentes a um grupo tupi desconhecido e contactados pela FUNAI em julho de 1987, à esquerda do rio Tapirapé, um tributário à esquerda do rio Itacaiúnas, entre a Serra Misteriosa e a Serra do Cinzento, no Estado do Pará (Figura 1).

Esses dois índios, aproximadamente na faixa etária entre os vinte e dois e vinte e seis anos de idade⁷, já haviam sido vistos antes, entre março/abril daquele ano, por madeireiros que atuam na região, cf. Balée (o.c.). Feito o contato com a FUNAI, a Administração Regional desse órgão, sediada em Marabá, tendo previamente mantido entendimentos com os Parakanã, transferiu a ambos para o aldeamento Paranatin, após permanecerem um breve período na Casa do Índio/Marabá.

⁶ Sobre a reordenação na ocupação sócio-espacial na Amazônia, em especial na região tocantino-xinguana, v. Magalhães (1991). Para maiores detalhes sobre a demarcação de terras indígenas, v. CEDI/MUSEU NACIONAL... (1987).

⁷ Balée (1987) e Moore et al. (1987) acreditam que estes índios estejam numa faixa etária superior aos trinta e inferior aos quarenta anos.

A transferência desses dois índios deu-se a 31 de outubro de 1987, tendo ali permanecido apenas por 24 horas, quando foram, então, conduzidos novamente a Marabá. Estudos preliminares sugerem que eles falam um dialeto Tupi-Guarani, ainda desconhecido lingüísticamente e que parece não ser de todo compreensível aos demais povos desta família lingüística, existentes na região⁸. Encontrei-os durante a sua breve permanência em Paranatin, o que possibilitou tão-somente a coleta de alguns vocábulos (v. anexo I).

Os akwawa em Paranatin

A chegada desses dois índios a Paranatin foi antecedida de grande expectativa, como de resto é comum, entre os Parakanã, em casos da presença de “estranhos” ou ainda do retorno de pessoas conhecidas, e mesmo dos próprios membros do grupo, ao passarem algum tempo distante do aldeamento.

Transportados em veículo da FUNAI e acompanhados por dois de seus funcionários, os quais estiveram com eles desde o contato, chegaram a Paranatin, por volta das 13 horas. Demonstravam-se, aparentemente, assustados com o assédio Parakanã a observá-los em detalhes. Em Paranatin, o novo estava presente; não um novo qualquer, mas índios de um outro povo, não conhecido. Todos os observavam, desde as crianças até os adultos de ambos os sexos, inclusive as lideranças *moroïrowa* (acima dos 40/45 anos) e *moroïrowa eté* (acima dos 60 anos)⁹, que se dirigiam à sede do Posto Indígena para onde foram levados os dois jovens.

Os Parakanã os receberam como “índios da FUNAI” que vinham de Marabá, tendo em vista a mediação exercida pelo então chefe da Administração da FUNAI/Marabá e do chefe do Posto Indígena Parakanã. Hospitaleiros como de hábito, os Parakanã ataram-lhes redes¹⁰, levaram-nos ao igarapé, procuraram conversar, etc. No entanto,

8 Um levantamento preliminar, objetivando a um melhor conhecimento da língua falada por estes índios, foi efetuado por Moore et al. (o.c.) e também por Balée (o.c.).

9 Sobre as categorias de idade entre os Parakanã, v. Magalhães (1982/1987).

10 O Sr. Rosivaldo Gomes, funcionário da FUNAI que acompanhou esses índios até Paranatin, informou que os mesmos não possuem redes, dormindo no chão; e não têm o hábito de fumar. Balée (o.c.) e Moore et al. (o.c.) informam que estes índios cobriam as suas malocas com folhas de babaçu, tendo como esteios árvores, já dispostas no local. A de construção mais recente “é cercada em 3 lados por varas de 2m., inclinadas contra paus horizontais mas não amarrados a eles”. cf. Moore et al. (o.c.).

ao contrário do que fora verificado por Moore et al. (o.c.) que os descreve como “muito simpáticos... e (que) riem com facilidade quando não estão desconfiados...”; entre os Parakanã estes desconhecidos pareciam não se sentir à vontade. Durante a fase de contato, isto já havia sido observado por um Asurini do Tocantins que fizera parte da equipe da FUNAI, ao afirmar que demonstravam “pouco interesse em se comunicar, mesmo com outros índios”, cf. Moore et al. (id.). Em Paranatin, parece que o fato se repetia - com os não-índios ali presentes eram cordiais, amáveis, não se cansando de responder às perguntas feitas; com os Parakanã, no entanto, o mesmo não acontecia, conversando mais entre si, banhando-se a certa distância de seus anfitriões.

Por volta das 16/17 horas, as relações entre os Parakanã e seus hóspedes começavam a se tornar tensas. Enquanto conversávamos sobre os desconhecidos, com alguns Parakanã revelando que só reconheciam algumas palavras do que eles diziam, os dois se separaram do grupo e, se encaminhando para o ramal que liga a Transamazônica a Paranatin, tomaram o rumo da mata, realizando a primeira tentativa de fuga. Alertados por outros Parakanã, alguns jovens, nas categorias de idade *oparamé* (entre 12/13 e 18 anos) e *awaramé* (entre 19/20 e 25 anos), saíram ao encalço de ambos e, cercando-os, fizeram com que retornassem ao aldeamento. Apesar deste incidente que proporcionou alguns comentários reveladores do que ali se passava (v. adiante), os Parakanã realizaram, durante a noite, na então casa do “forró”, uma festa (*moraitawa*) com cantos *xe 'engara eté* (cantos de verdade - apresentados no cerimonial do cigarro) e *mi pa* (cantos compostos sem preocupação ritual - “música de brincadeira”) (Figura 2). Contudo, apesar dessa tradicional recepção dos Parakanã a seus visitantes, nenhuma demonstração do interesse de ambos pôde ser verificada. Após essa apresentação, os dois índios pernoveram na sede do Posto Indígena, por determinação do chefe do Posto.

No dia seguinte, eles permaneceram por quase toda a manhã naquele local. Conversavam ora entre si, ora com os não-índios, até mesmo porque a presença Parakanã, ainda que constante, numericamente era bem menor. Continuava eu na coleta de mais algumas palavras, contanto às vezes com o auxílio de algum Parakanã, dando assim seqüência ao inventário iniciado no dia anterior. Em dado momento, e sem qualquer razão aparente, aquele que parece ser o mais velho, sentado em sua rede, começou a fazer um discurso em voz alta - incompreensível aos Parakanã - às vezes olhando para cima, às vezes levantando os braços. Diminuía o tom de voz, conversava com o seu



Figura 2 - Os dois Akwawa assistem a uma *moraitawa* Parakanã, em 1987.

companheiro, voltava a aumentar o tom de voz, etc. A cena, no entanto, não demorou mais do que cinco, talvez dez minutos. Tentei, em vão, obter alguma resposta para o fato.

À tarde, por volta das 15:30 horas, com os dois ainda na sede do Posto, os presentes que ali se encontravam deixaram-nos apenas na companhia de uma das lideranças *moroïrowa eté*. O mesmo índio que fizera o discurso pela manhã pegou, então, uma arma (descarregada), encostada num dos mourões da casa e apontou-a para aquela liderança. Um pequeno grupo de pessoas que se encontrava do lado de fora da sede do Posto rapidamente se aproximou de ambos, tendo início uma grande discussão. Uma jovem correu a avisar aos demais que ia haver briga - "Eles tão *pirahy*, eles tão com raiva, quer brigar" - dizia-me um *awaramé*. Os dois índios, aproveitando a confusão que se formara, se embrenharam numa capoeira próxima e daí na mata, tentando a fuga pela segunda vez.

Os Parakanã saíram novamente ao encalço de ambos, cercando-os e trazendo-os de volta ao Posto. Neste mesmo instante, o chefe do Posto tomou a decisão de mandá-los de volta a Marabá¹¹, pois os Parakanã se mostravam dispostos a matá-los, por uma série de motivos que serão descritos a seguir: eles eram *akwawa*.

Identificando *akwawa*

Os Parakanã estabelecem a sua classificação social para as relações interétnicas, tomando como ponto de partida o próprio grupo local. Da mesma forma que a apresentada pelos Waiãpi, cf. Gallois (1988:128ss), é a partir desta unidade mínima de organização que os Parakanã definem e marcam os diferentes graus de distância social, estabelecidos em três macroníveis. Estes se dividem em cinco níveis que se subdividem em seis outros, configurando assim o quadro demonstrativo das relações inter e intra-étnicas Parakanã (Figura 3).

O grupo local Parakanã é definido como *uré* = nós exclusivo, e a referência é dada ao aldeamento *hetôma/tawa*. Mencionam *uré retôma* para designar o aldeamento - "onde mora nós tudo", "nossa casa"; ou simplesmente utilizam o termo *uré*, forma pela qual cada grupo local se

¹¹ Após permanecerem algum tempo naquela localidade, foram eles transferidos para o aldeamento Kootinemo dos índios Asurini, à margem direita do rio Xingu. Ali residiram por cerca de dois anos, mantendo um deles, inclusive, relações matrimoniais com uma mulher Asurini. Esse mesmo *akwawa*, em outubro de 1989, enquanto mantinha uma conversa aparentemente amigável com uma das lideranças Asurini, acabou por desferir-lhe um golpe de terçado junto ao ombro, levando-a à morte. Ao relatar o ocorrido entre os Asurini aos Parakanã do Bom Jardim, estes indagaram - "Akwawa?... Por que não mataram eles?". As últimas informações a respeito desses *akwawa*, dão conta de que após um breve período junto aos Urubu-Kaapor, foram novamente transferidos para um aldeamento dos índios Guajá, no Maranhão, onde permanecem.

define face aos demais, aos outros - *amuntê*. Assim é que, à semelhança de outras sociedades tupi-guarani¹², *amuntê* se constitui num recurso classificatório que marca a diferença entre duas partes; classifica, pois, os demais grupos locais, às vezes denominados também *ninhê* (parente), os outros povos indígenas, os brancos.

Quanto aos grupos locais, embora reconhecidos como *awa eté*¹³, são classificados como "outros" - não pertencem ao mesmo aldeamento. Com eles mantem-se relações de amizade e de trocas, mas com quem também se guerreia e se mata. São nomeados, em geral, por *retôma*, ou somente *tôma*, precedido do nome de uma de suas lideranças mais velhas (v. adiante). Podem ainda se referir a um outro grupo local apenas como *amuntê tôma* ("outra aldeia"), sem especificar a liderança. No que respeita a outros povos indígenas, ou, mesmo aos brancos, os Parakanã, ao se referirem a eles às vezes mencionam *amuntê-muntê* ("outro-outro") mas, em geral, preferem chamá-los pelos nomes que lhes são dados - *awaxê iwywa* (Kayapó); *toria* (branco).

Internamente a um mesmo grupo local, ego classifica *amuntê* os elementos pertencentes aos demais grupos epônimos, que não o seu, existentes nesta sociedade e que são denominados: *Tapi 'pya*, *Apyterewa*, *Wirapyna*, *Marujewara*, *Mikotywena*¹⁴.

¹² Gallois (o.c.) menciona o termo "amõ-ko" utilizado pelos Waiãpi para classificar outros grupos indígenas e "amõ ta wan" para designar outros grupos locais Waiãpi. Laraia (1972:62) observa que o termo "amutehea", entre os Asurini do Tocantins é utilizado para designar os amantes; enquanto que Kracke (1978:15) e Menendez (1989:113) identificam respectivamente "amotehé" e "amote-ga", entre os Kagwahiv, para se referir a qualquer pessoa da metade oposta a de ego. Entre os Araweté, cf. Viveiros de Castro (1986:207ss), "amintê" se constitui num "processo relacional" e não numa oposição entre as partes.

¹³ Hoje, entretanto, em face dos encontros de povos tupi promovidos pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), os Parakanã nomeiam a todos de modo geral de *awa eté*, ou, então, classificam-nos de "parentes", como é o caso dos Tenetehara, dos Tapirapé, dos Asurini do Xingu, dos Suruí.

¹⁴ Etimologicamente, *Tapi'pya* (pé/pata de anta) - (*tapi* de *Tapi'ira* = anta + *pya* = pé/pata.); *Apyterewa*, (gente sem pêlo na cabeça/cabeça raspada) - (*apy* de *apyn* = cortar o cabelo/raspar a cabeça + *ye* de *ipyteripe* = no meio, no centro + *wa* de *awa*) - tradicionalmente os Parakanã têm a cabeça raspada; *Wirapyna* (*wira* = pássaro + *pyna* de *apyn* = cortar o cabelo, raspar a cabeça); em referência ao mito de origem, em que um passarinho cagou na cabeça do primeiro *awa eté*, fazendo com que os seus cabelos caíssem; *Mikotywena* (marido da mucura branca) - (*miko* de *mikoa* - mucura + *ty* = branco + *wena* = marido); *Marujewara* (dono do veado branco) (*maruje* = veado branco + *wara* = dono). Em Paranatin são encontrados representantes para os três primeiros grupos, ao passo que em "Marujewara", não há qualquer pessoa *Tapi'pya*. O aldeamento Bom Jardim é o único onde são encontrados representantes para todos esses grupos. Registre-se algumas diferenças entre alguns desses grupos, como por exemplo, o furo lobular encontrado apenas entre os Parakanã de Paranatin e originário dos *Tapi'pya*. A flecha *Apyterewa* e *Wirapyna* eram menores do que a dos *Tapi'pya*. Hoje, todas as flechas em Paranatin são confeccionadas conforme o modelo *Tapi'pya* e os *Apyterewa* usam o furo lobular.

Na sociedade Parakanã, patrilinear e patrilocal, homens e mulheres são reconhecidos socialmente como pertencentes a um desses segmentos internos e somente a um deles, não havendo durante a vida, e mesmo após a morte, qualquer possibilidade de mudança dessa condição. Antes mesmo da nomeação, enquanto ainda no ventre materno, os Parakanã reconhecem cada criança como pertencente a um determinado grupo. Cada um desses segmentos é agnático e seu ancestral mítico lhe empresta o nome, como se observa no próprio mito de origem Parakanã (anexo II). Além disso, a classificação *Tapi 'pya*, *Apyterewa*, etc., é vista como acompanhante do próprio nome; isto é, ao se perguntar a um Parakanã - *ma'e pa ne hera?* (qual o seu nome) - a resposta será, está claro, a do nome da pessoa. Ao se perguntar - *ma'e pa ne iroa hera?* (o que acompanha o seu nome?)¹⁵ - a resposta será acrescida do grupo ao qual a pessoa pertence, por exemplo - *Arakitá*, ao responder a segunda questão responde - *Arakitá, Tapi 'pya jê - Arakitá* eu *Tapi 'pya*. Às mulheres tal condição, a do pertencimento a um desses grupos, não se modifica com o casamento, visto que estão vinculadas ao segmento paterno.

Em termos ideais, esses grupos regem os casamentos e as relações de amizade formal¹⁶. Esta última relação permanece mesmo após a morte de um dos parceiros e é impossível fazer amigo com alguém do mesmo grupo epônimo que o seu. Ademais, o aldeamento está espacialmente estabelecido em conformidade a estes grupos, como já demonstrei (Magalhães 1990). Esta distribuição espaço-residencial encontra suporte também no mito de origem, onde cada filho de *Wirapyna* - portanto, cada grupo epônimo - tinha uma unidade habitacional. Da mesma forma, tal distribuição se confirma durante a realização da roda-dos-fumantes, com os representantes de cada grupo ocupando um determinado espaço.

Desse modo, *amuntê* identifica sempre as pessoas que possibilitam a consecução da produção e da reprodução das relações sociais. Se na relação intracomunitária, *amuntê* recorta a identidade dos grupos epônimos evocando, como os Araweté, mais uma posição relacional do que uma oposição, externamente, circunscreve, delimita o *awa eté*.

¹⁵ Os Parakanã denominam *iroa* a tudo ou quase tudo o que acompanha uma outra coisa ou pessoa. Assim, além do nome do subgrupo acompanhando o nome próprio da pessoa, as mulheres de um mesmo homem, por exemplo, referem-se entre si como *iroa*.

¹⁶ Para maiores detalhes sobre como se dão as relações de amizade formal, denominadas *pajé*, v. Magalhães (1990); quanto ao parentesco, propriamente dito, tendo por objeto de estudo os Parakanã do Bom Jardim, v. Fausto (1991).

Externamente à *uré retôma*, encontram-se os *akwawa*¹⁷, seres criados por *Maíra* (herói criador), como os humanos, mas que são tidos como inimigos que falam língua semelhante, cf. já visto, e que, embora possam ter a aparência física de humanos, não são em determinados casos “gente de verdade”. Além dos outros grupos locais e de outros povos de origem tupi-guarani, a categoria *akwawa* engloba ainda seres da mata, possuidores de caracteres míticos, como se verá a seguir. Mais distantes estão outros povos, tidos também como inimigos, mas, em geral, não nomeados de *akwawa*; falantes de outra língua, e com quem os Parakanã não mantêm necessariamente relações de troca e de amizade. Nesta última categoria, encontram-se os Kayapó e os brancos.

Os Parakanã classificam *akwawa* de três formas: *akwawa eté*, *akwawa eré*, *akwawa* (Figuras 4 a e b). Os *akwawa eté* são seres que “moram em buracos no chão, têm aldeia grande; só saem à noite à procura de comida e voam, matam com pau; não usam o botoque labial, têm cabelo comprido”... “tem muito no Bacuri e no Pacuruí” e são nomeados *Karajá*. Dizem os Parakanã de Paranatin que “*Karajá* quando mata gente leva a cabeça prá soprar”, *awa pinera opi xomi hamô* - “a cabeça da gente sopra como apito”.

Akwawa eré (*eré* - intensificador = pouco) são seres que possuem características semelhantes a anteriores tais como voar, cabelo comprido, mas que têm botoque labial e usam arco e flecha. É o caso dos *Xôtaiwena*, que habitam o tronco da *xôta'ywa*¹⁸, “tem cabelo comprido, usa flecha igual a dos Parakanã, mora nos ocos dos paus”; dos *Kupianôa* e dos *Wapôra*, por vezes identificados como um mesmo ser. Perguntei se eram iguais - *Wapôra* e *Kupianôa* - *einom Wapôra pa Kupianôa*; a resposta foi clara: “a'e, *einom Wapôra, Kupianôa*”, “é, *Wapôra* igual *Kupianôa*”. Ao referir-me se eram iguais a *Karajá*, a resposta também foi clara - amuntê *Wapôra*... eipo *Kupianôa*, a'e isso”. À indagação se estes também são *akwawa eté*, a resposta não deixou dúvidas: *akwawa eré, xôwe akwawa* - “*akwawa* pouco, só *akwawa*”. Além disso, *Wapôra* e *Kupianôa* trazem consigo uma outra característica, a de seres que

¹⁷ Etimologicamente, *akwawa* (*a* = nominalizador + *kwa* de *kwara* = buraco + *wa* de *awa*) (gente do buraco, morador do buraco).

¹⁸ *xôta'ywa* (*xôtai* = *juta*; *ywa* = árvore), é a árvore de onde os Parakanã extraem a resina utilizada na pintura das flechas. *Xôtaiwena* (“marido da árvore de *juta*”, e *Karajá* foram também referidos pelos Asurini do Tocantins, cf. Laraia (1972).



Figura 4a. Xotaiwea - desenho feito por Aoxa, aldeamento Paranatin

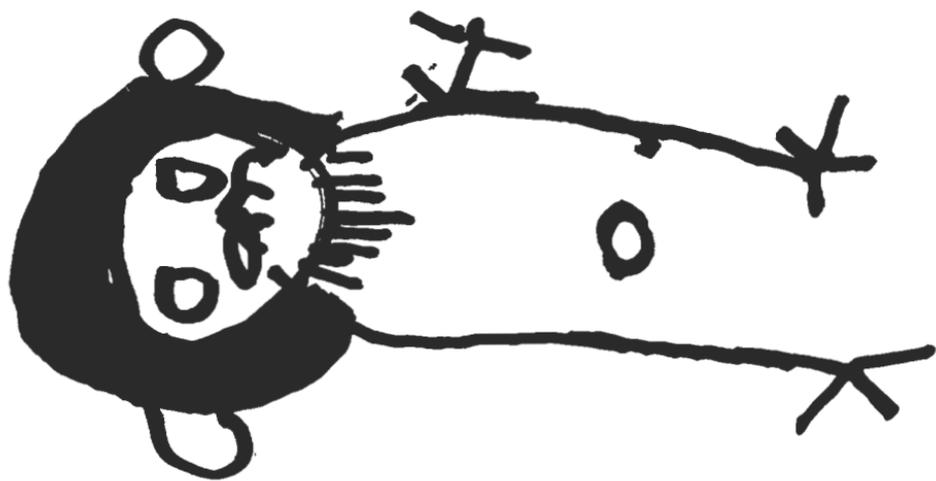


Figura 4b. Akwawa eté - desenho feito por Paia, aldeamento Marujewara

transmitem doenças - *Wapôra ipajé xôwe*, *Wapôra ipaje eté*, *imai 'ahy eté Wapôra* - “*Wapôra* é só doença, *Wapôra* é doença mesmo, ele passa doença”. Ou, como nos diz uma das lideranças jovem de Paranatin - “*Kupianôa* passa doença pelo canto”¹⁹.

Akwawa, simplesmente, designa os povos indígenas com os quais os Parakanã entravam ou entram em conflitos, isto é, aqueles lembrados de episódios guerreiros anteriores. Entre esses encontram-se os Parakanã de outros aldeamentos e com quem, na verdade, os habitantes de Paranatin mais guerrearam. São eles denominados de *akwawa*, ao se tomar como ponto de partida a *uré retôma* durante os períodos de guerra. Em tempos de paz, porém, os grupos locais são denominados pelo nome de uma das lideranças *moroïrowa* mais conhecida, como por exemplo *Akaria tôma*, *Piawa tôma*, (ou, *Akaria retôma*, ...) tomados aqui a partir do aldeamento Paranatin²⁰.

Além desses, são classificados *akwawa* os Asurini do Tocantins, denominados de *Makakawa*, ou, pejorativamente de *Tekupeu* (o que tem a bunda grande) pelos Parakanã de Paranatin; os Asurini do Xingu, denominados *Akwapirema* (gente que fede), e com os quais, ao que parece, somente alguns índios mais velhos de Bom Jardim e de “Marujewara” teriam entrado em conflito; os Araweté, nomeados *Orowixara* (dono do surubim) e com quem somente os de Bom Jardim chegaram a guerrear; os *Temekwari yma* (os que não têm furo labial), a quem os Parakanã contatados entre 1983 e 1984 parecem ter dizimado num último conflito junto à região do igarapé São José, raptando três

¹⁹ *Kupianôa* são pássaros da ordem piciformes, família galbulidae, e conhecidos popularmente como ariramba-da-mata-virgem ou beija-flores-grandes, de acordo com Goeldi ((1900/1906) 1991). Sobre a classificação do mundo animal pelos Parakanã, v. Magalhães, (1993, em elaboração).

²⁰ Sempre escutei dos Parakanã de “Marujewara” e de Bom Jardim se referirem aos de Paranatin como *Arakitá tôma*, ou mesmo *Urubuá tôma* (irmão mais velho de *Arakitá*, já falecido). Creio que Fausto (o.c.) se equivoca ao creditar o termo *amowaxa* a uma suposta denominação dada aos de Paranatin, pelos demais Parakanã. Entendo que este termo não deva ser estendido a todos os Parakanã de Paranatin, visto que *amowaxa*, provém de *mowai* (verbo cortar/*amowaxa* - aquele que cortou o pescoço), ato praticado por *Kenejua* em *Komi yma* (p. 199). *Tekwaria* contou-me que passaram a chamar assim a *Kenejua*. O ato de decepar o inimigo, na verdade, é realizado por todos os Parakanã. Em Paranatin, obtive relatos semelhantes, e um dos casos mais comentados é o de *Takura'a* (falecido) que assim procedeu ao vingar a morte de um Parakanã de seu grupo, pelos que hoje se encontram em “Marujewara”. *Takura'a* teria esquarterado o inimigo, deixando a cabeça repousar num tronco de babaçu.

mulheres, das quais a última sobrevivente faleceu durante o contato com a FUNAI em janeiro de 1983, etc²¹.

Os Parakanã de Paranatin afirmam jamais terem guerreado com os Kayapó; somente as suas gerações passadas o fizeram. Os de "Marujewara" e os de Bom Jardim, porém revelam alguns conflitos e o último deles data de 1977, com os Xikrin do Bacajá.²² Ainda que os considerem como inimigos, como também aos *toria*, estão eles mais distantes na classificação interétnica Parakanã.

No que respeita àqueles dois índios, deve-se ter em conta que a sua identificação enquanto *akwawa* foi possível, tendo em vista um conjunto de fatores que culminou com as duas tentativas de fuga. Assim é que, dentre os aspectos salientados pelos Parakanã e que tornou possível reconhecer a presença *akwawa* em Paranatin, podem ser mencionados, de um lado, aqueles a envolver características físicas, e, de outro, aqueles a envolver caracteres míticos.

Dentre os primeiros, incluem-se, por exemplo, a forma de falar - "em voz alta e muito depressa"; os Parakanã normalmente falam em voz baixa. Os pêlos do ralo cavanhaque e do bigode, de fios longos, os quais sempre se constituíam em alvo de comentários entre os Parakanã, e que acabou por levá-los, primeiramente, a classificar a ambos como *kuti-akwawa*, sendo *kuti* de *kutiu* = macaco cuxiú. Durante o inverno de 91, em Paranatin, obtive duas outras denominações - *xaoti* - *katu* (bom de jabuti) - tal denominação talvez se deva à menção feita por

²¹ Tal informação foi obtida em "Marujewara" e em Bom Jardim. Além dessas três mulheres, podem ser encontradas neste último aldeamento mulheres e/ou descendentes de mulheres raptadas durante conflitos com outros índios. Assim é que, de um total de sete raptadas durante conflitos com os Parakanã de Paranatin, encontra-se uma única sobrevivente com cerca de 60 anos; uma outra é proveniente dos *Orowixara* e deve estar hoje com cerca de 45 anos; uma outra, com cerca de 30 anos de idade, foi pega muito criança, e não sabem informar ao certo qual seu povo indígena (alguns mencionam *Temekwari'yma*, outros não confirmam); finalmente, um total de nove pessoas têm a ascendência materna *Makakawa*, sendo que uma mulher deste conjunto se encontra no aldeamento "Marujewara". Em Paranatin, não há representantes ou descendentes provenientes de conflitos com outros povos indígenas.

²² Este último conflito ocorreu em face de um grupo Parakanã, com aproximadamente 55 pessoas, estar perambulando pela região. Ao avistarem Xikrin junto à roça, os Parakanã flecharam um deles. Alguns dias depois, os Xikrin saíram ao enalço dos Parakanã matando cerca de 16 homens e fazendo 10 reféns, sendo apenas uma mulher adulta. Estes, juntaram-se em fevereiro de 1978 aos Parakanã hoje localizados em "Marujewara". Sobre os conflitos entre os Parakanã e os Kayapó, Vidal (1977) revela a existência do filho de uma mulher Parakanã, no aldeamento Xikrin do Cateté. Menciona também a existência de duas mulheres Parakanã vivendo no aldeamento Xikrin do Rio Bacajá, raptadas durante conflito em 1969 (Vidal 1985:11).

funcionários da FUNAI que se referiam aos dois índios como bons coletores de jabuti - e *Awataraxa*. Desde então, aqueles dois índios passaram a ser nomeados ou de uma forma ou de outra. Para essa última denominação, foi possível apenas obter uma pálida indicação - (*awa* = gente + *t* = nominalizador + *axa* = pomo de adão/pescoço (*Awataraxa* = aquele que fala alto/grita), referindo-se à forma de falar em voz alta.

Essas características físicas parecem indicar, por sua vez, que estão intimamente relacionadas a outras formas de classificação, conduzindo a inimigos enquanto elementos não apenas correspondentes, mas também pertencentes ao mundo animal. Os Parakanã afirmam ainda que os *akwawa eté* e os *akwawa eré* teriam inclusive a faculdade de imitar alguns pássaros, dentre os quais o nhambu. Um lugar onde se escuta o pio de muitos nhambus, na verdade é um local onde se encontra *akwawa eté*.

É nessa mesma direção que, ao se referirem aos “pulos”, aos “saltos”, dados pelos *akwawa* no sentido de evitar os obstáculos no interior da mata ou da capoeira, observados durante as duas tentativas de fuga levadas a efeito, os Parakanã os interpretam como “vôos”; vôos esses que acabam por dificultar que se possa vê-los. Denotam eles, os pulos ou saltos, a coreografia de um vôo empreendido, que traduziria o movimento pelo qual determinados *akwawa* capturariam os seus inimigos e os conduziriam ao seu próprio aldeamento, no interior da mata. Como afirmou uma das jovens lideranças que atuam na intermediação das relações interétnicas, “*akwawa* é desse jeito, parece que voa, ninguém vê; é muito difícil a gente vê”, “*iwate iwewei exã'ym iwewetawa*” - “ele voa alto, ninguém vê quando voa” - afirma a liderança mais velha; “*akwawa* tá voando”, diz outro informante. Esta é a expressão que mais se ouve quando se pergunta sobre os *akwawa*. É, pois, em razão destas duas propriedades básicas, a invisibilidade e o vôo, apontadas como características dos *akwawa*, que aos Parakanã nem sempre é possível saber a localização de seus aldeamentos.

A rigor, *akwawa* é uma categoria genérica que está em oposição a *awa eté*; ou seja, não é gente de verdade, ou, parece gente, mas não é. Têm cabelo comprido, enquanto os Parakanã historicamente têm a cabeça raspada; matam de pau, ao passo que *awa eté* mata de flecha; *akwawa* não tem aldeamento com localização precisa, habitando o tronco de árvores ou o interior da terra, no interior da mata; botam ovo. E, com os *akwawa* se guerreia, se mata.

Embora nada se possa afirmar com exatidão os motivos que levaram à tentativa de fuga de dois *akwawa* em Paranatim, é possível supor, entretanto, que estes índios tenham reconhecido nos Parakanã

aqueles que possivelmente tenham dizimado seu povo. Esta hipótese se baseia primeiro numa informação dada a Balée (o.c.) de que teriam sido outros os índios que o dizimaram; e, de outro, o fato de os Parakanã do Bom Jardim e de "Marujewara" terem dizimado um povo indígena no igarapé São José (infra, pp. 93).

Tomando em conta tal possibilidade, e ainda que haja considerável distância no tempo, não é demais lembrar que a FUNAI endereçara, durante o ano de 1976, uma frente de penetração às proximidades do rio Tapirapé, na tentativa de contatar um grupo Parakanã em perambulação. Este grupo é o mesmo que anos antes, entre 1972/73, costumava aparecer no local hoje denominado "Marujewara". Esses anos parecem assinalar uma das cisões mais recentes deste segundo grande grupo Parakanã. Uma parte deles teria seguido em direção ao rio Anapu, onde foram contatados entre o final de 1975 e início de 1976. Outra parte, teria rumado em direção ao rio Tapirapé, quando, provavelmente, entraram em conflito com os *Temekwari'yma*, povo este, provavelmente, do qual tenham feito parte esses dois *akwawa*²³.

Corroborar em favor desta hipótese, o fato de entre os Asurini do Xingu terem esses *akwawa* se mantido, por um tempo relativamente longo, cerca de dois anos, em convívio amistoso e até mesmo mantido relações matrimoniais; ao contrário da relação desconfiada e hostil que mantiveram durante as 24 horas em Paranatin.

De fato, não se tem conhecimento, em tempos recentes, de um outro povo indígena não-contatado e que perambulasse nesta vasta região aqui delimitada a grosso modo, entre os rios Tapirapé e Bacajá, de um lado, e, de outro, em direção ao norte alcançando as terras da Área Indígena Parakanã e o rio Pacajá de Portel. Este território, que se estenderia ainda ao rio Anapu, tem-se constituído, ao longo do tempo, em espaço de nítido domínio Kayapó e também tupi-guarani, representados estes últimos pelos Parakanã. A região entre os rios Bacajá e Anapu parece-me se constituir num dos pontos referenciais do que tenho denominado de segunda dispersão Parakanã, isto é, aquela que espacialmente determina a separação entre os Parakanã contatados em janeiro de 1983 - hoje residentes no aldeamento "Marujewara" -

²³ Balée (o.c.:3) informa que a uma sua pergunta feita - "Ma? a yukā? (O que foi que os matou?), (um dos índios) respondeu claramente 'Awa-yu yukā' (Gente amarela matou)". Ainda que se tenha "yu" como referente à cor amarela (os Parakanã denominam o rio da Direita como *Ijukiria Paranô*/ eles próprios se acreditam muito mais próximos à cor escura - se dizem morenos). Entendo que "gente amarela" deva significar não o fato de ser amarelo = índio, na verdade uma classificação ocidental, mas "awa-yu" enquanto denominação dada a determinado povo indígena que por alguma razão possa ter sido identificado por esta cor. Ou ainda que o termo "yu" de "awa yu" não se refira necessariamente à cor amarela.

daqueles contatados entre o mês de novembro desse mesmo ano e março de 1984 e residentes em Bom Jardim.

A sobrevivência dos “perdidos”

Ao se ter como provável a hipótese de um conflito entre o segundo grande grupo Parakanã, ou mesmo parte dele, e este povo *akwawa*, pode-se supor que o conflito se tenha dado há cerca de dez ou quinze anos, o que significa dizer que os dois sobreviventes encontrar-se-iam, respectivamente, entre 7/12 e 11/16 anos de idade. Partindo da classificação Tupinambá, de acordo com Fernandes (1963:263ss), esses índios se encontrariam na faixa etária denominada “*kunumy*” (entre 8/15 anos de idade) e a ela corresponderia o início de alguns conhecimentos da vida social. Ou seja, a fase em que os jovens de sexo masculino estão passando por rituais que lhes possibilitam adentrar ao mundo dos adultos, tais como a perfuração labial e possivelmente lobular, a mudança de nome, a participação em reuniões, o aprendizado do canto e da dança, etc.

Para o trabalho aqui proposto, não cabe repetir as possíveis semelhanças e/ou diferenças entre diversos povos Tupi-Guarani, no tocante às categorias de idade. Ademais, a literatura etnográfica é bastante extensa na descrição deste tópico²⁴. Ainda que preliminarmente, em face dos dados de que disponho, importa salientar que a distinção entre as categorias de idade pode contribuir, de forma significativa, para o entendimento de dadas circunstâncias pelas quais possam ter passado os dois jovens *akwawa*. Assim, apenas com o objetivo de fazer um breve exercício de análise da situação vivida pelos dois *akwawa*, parto desta instituição no sentido de buscar uma melhor compreensão para o período anterior ao seu contato com a FUNAI e a sua sobrevivência até hoje.

Entre os Parakanã, a faixa etária correspondente a esta categoria de idade “*kunumy*” é denominada *otyarô* (entre 7/8 e 13/14 anos - “(aquele) que tá crescendo”). As crianças nesta categoria passam a acompanhar os pais às expedições de coleta (inclusive jabuti), de caça, de pesca, a atirar com pequenos arcos e flechas, os quais são utilizados, em geral, para brincadeiras e/ou treinamentos em pequenos animais como ratos, catitas, calangos; ou, ainda em alguns frutos de plantas existentes junto ao aldeamento, tais como o mamão, a laranja; e também participar da pesca com timbó, flechando os peixes, etc. Mas é

²⁴ Além de Fernandes (o.c.), pode-se mencionar algumas outras monografias onde as categorias de idade entre povos tupi são vistas como tópicos importantes da organização social, como por exemplo: Baldus (1970), Métraux (1979), Laraia (1972), etc.

na categoria seguinte *oparamé* (entre 12/13 e 18/19 anos) - “(aquele) que tá começando, tá aprendendo) - *opa* de *pāp* = v. acabar + *amé* = agora - um marcador temporal presente/ “que acabou agora”, referindo-se à categoria anterior, *konomia*), que os Parakanã são introduzidos em determinados aprendizados os quais podem contribuir para a sua sobrevivência física, no caso de se encontrarem perdidos no interior da mata. É esta categoria que marca o início da construção social da pessoa Parakanã.

O jovem toma parte de forma mais ativa na roda-dos-fumantes e é iniciado na vida ritual; as suas atividades se voltam também para a participação no preparo dos roçados, à confecção de cestos temporários de transporte e de outros artefatos, a caçar com espingardas e a como se deve cortar a caça na mata, a transportar determinados produtos da roça, ou, mesmo a castanha, por exemplo. O seu aprendizado sobre armas, porém, está restrito a saber coletar as matérias-primas necessárias à confecção de artefatos, como, por exemplo, a madeira para o arco, preferencialmente o pau d’arco. À confecção das flechas, compete-lhe tão-somente a extração de penas de gavião-real, de urubu-rei, de arara, de mutum, como também as penugens de tucano ou mesmo de arara para a confecção dos brincos das flechas; a coleta de taboquinha para a haste e da taquara para a feitura das pontas, etc.

Entre os Parakanã, na verdade, os homens são iniciados no aprendizado da confecção de arcos e de flechas, utilizados enquanto armas para a caça e para a guerra, somente ao atingir a categoria *awaramé* (“já é homem”). Convém lembrar aqui que se enquanto “começa” ou durante as categorias anteriores de idade, não há qualquer diferenciação terminológica (*konomya* = criança, *otyarô* = o que está crescendo, *oparamé* = o que começa) para ambos os sexos, ao se atingir a categoria *awaramé* o que se observa é a diferenciação terminológica correspondendo ao sexo e às atividades que, a partir de agora, estão socialmente estabelecidas²⁵. No que respeita aos homens, estão eles aprendendo a aparelhar o arco com a goiva ou com o facão, a confeccionar o encordoamento do arco; a afilar a ponta de taquara da flecha e a preparar a sumba para a sua introdução à haste; a costurar as penas e penugens; começará na ornamentação das flechas com o preparo das tinturas de jutá e de carvão, etc. e quando também estará apto a casar.

²⁵ Os Parakanã denominam o homem de *akumae* e a mulher de *kujua*. Com a chegada do homem à categoria *awaramé* (*awa* = gente/homem + *amé* = agora), e da mulher (*kujua*) à categoria *kujaramé*, é que os Parakanã estabelecem mais claramente a distinção das atividades correspondentes aos sexos. Na verdade, desde pequenas as atividades das crianças Parakanã são distintas; mas, ao se atingir estas categorias são eles, homens e mulheres, identificados como pessoas portadoras das condições necessárias à reprodução bio-cultural.

A pintura, elaborada sobre a ponta e a haste das flechas, estará, na verdade, mais afeta à categoria seguinte, *awaramé kwera* (entre 25 e 40 anos - *kwera* = um marcador de tempo passado - o que foi *awaramé*). Por serem categorias que abrangem um tempo relativamente longo, o aprendizado é feito de acordo com a habilidade de cada indivíduo, não havendo uma introdução mais direta e detalhada aos conhecimentos sobre a confecção propriamente dita desses armamentos.

Desta forma, e em termos tradicionais, os Parakanã, tomando em conta a possível faixa etária em que se encontrariam os *akwawa* aqui tratados, teriam a sua subsistência, no caso de se encontrarem a sós na mata, limitada quase que exclusivamente à atividade de coleta, onde se incluem o jabuti e o tatu, ou ao saque a alguma roça.

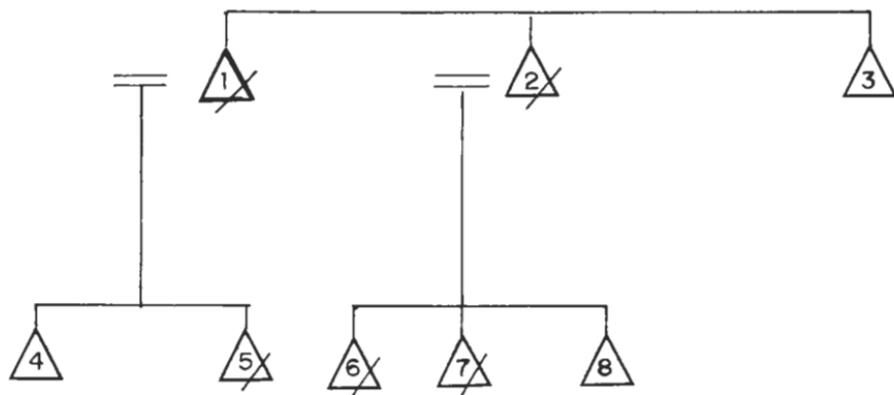
Por esta via, pode-se entender a inabilidade dos dois jovens *akwawa* no que diz respeito ao manejo do arco e da flecha, como também quanto à confecção dos mesmos, também observado por Balée (o.c.). Desta forma, e ainda que seja apenas uma hipótese a qual poderá ou não ser respaldada tão-somente após uma investigação mais pormenorizada com ambos, creio que estes jovens tenham-se abastecido, desde a dizimação quase completa de seu povo, muito mais através da coleta e provavelmente de roçados encontrados abandonados ou não, do que qualquer outra atividade. Como diz o Sr. Rosivaldo Gomes, “eles são muito bons para pegar jabuti e tatu”. Ou seja, tomando-se como exemplo a sociedade Parakanã, esses dois jovens *akwawa* possivelmente ficaram sozinhos a partir duma categoria de idade que não lhes possibilitara um aprendizado mais concreto na confecção de arco e flecha, ou este aprendizado teria sido interrompido por questões circunstanciais.

Em outras palavras, teriam aprendido a sobreviver sozinhos na mata e deste modo a imperfeição e a inabilidade em utilizar seus arcos e flechas estaria justificada. Assim é que, além de restos de babaçu e de castanha-do-pará encontrados no interior e às proximidades de seus acampamentos, “... tudo indica que seus arcos e flechas foram ineficientes demais, em comparação com outros grupos, em matar caça e/ou em se defender. Também em nenhuma das duas malocas encontrou-se restos de animais mortos à flecha, mas sim restos de jabotis e tatus...”, cf. Balée (o.c.:4).

Os Parakanã e o caso *Kenejua*

Entre os Parakanã do aldeamento Paranatin, há um relato semelhante no que respeita à sobrevivência física de dois homens a sós

no interior da mata. Tal fato teria ocorrido antes do contato com funcionários da FUNAI, e após um desentendimento interno do grupo. Trata-se do caso de *Kenejua*, um dos irmãos de *Arakitá*, a liderança mais velha hoje existente em Paranatin, e de seu filho *Kutia*. Por razões de roubo de mulher, *Kenejua* matou a *Waxumaré*, filho este de *Urubuá*, o irmão mais velho de *Arakitá* e de *Kenejua* (Figura 5). O revidé foi estabelecido por *Pikawa*, irmão germano de *Waxumaré*, e ainda hoje um dos principais xamãs em Paranatin, sobre dois outros filhos de *Kenejua* - *Ararawa* e *Mopira*. Isto obrigou a *Kenejua* a abandonar seu grupo, levando consigo seu outro filho, *Kutia*, ainda pequeno (*otyarô*). Asseveram os Parakanã que *Kenejua* e *Kutia* passaram, desde então, a residir às proximidades da "Pedra Preta", *Ita'i'ôa*, sítio referencial dos mais importantes para a compreensão da ocupação sócio-espacial Parakanã, e situado junto às cabeceiras do igarapé Bacuri.



- 1 - *Urubuá*
- 2 - *Kenejua*
- 3 - *Arakitá*
- 4 - *Pikawa*
- 5 - *Waxumaré*
- 6 - *Ararawa*
- 7 - *Mopira*
- 8 - *Kutia*

Tal conflito fez com que *Kenejua* e *Kutia* passassem a viver apartados de seu grupo original, o qual, por sua vez, contatado pela FUNAI em março de 1971, não mais voltou a ter qualquer relacionamento com aqueles dois. Na verdade, estes Parakanã somente vieram a ter notícias de ambos após o contato efetivado pela FUNAI, em janeiro de 1983, com um pequeno grupo Parakanã, às proximidades do igarapé São José, um dos tributários à margem direita do rio Xingu. Este grupo havia sido o responsável pela morte de *Kenejua*, há cerca de 15 anos, quando ainda residiam próximo ao igarapé Cajazeirinha.

O relato acerca da morte de *Kenejua*, e que abaixo apresento, foi coletado junto a este grupo no aldeamento “Marujewara”, para onde foram transferidos estes Parakanã logo após o contato com a FUNAI. Este relato foi feito por *Xorarua*, hoje residente em Bom Jardim.

(O grupo Parakanã contatado em janeiro de 1983 pela FUNAI residia próximo ao igarapé *Tywé*, região em que morava *Kenejua* e seu filho).

“*Komi'yma*, mulher de *Tekwaria*, tava fazendo rede perto de um açaizal, local de espera de seu marido. *Kenejua* viu e flechou *Komi'yma* no braço esquerdo (inclusive o seu baço), matando também o filho que ela carregava. *Tekwaria* tava pegando mel, (quando) voltou ele viu a mulher morta com o filho dele; correu e foi chamar *Kajuna* na casa dele (*Kajuna* é irmão mais velho de *Tekwaria*). *Kajuna* e *Tekwaria* foram aonde tava *Komi'yma* e quando chegaram lá, ela tava morta, com a cabeça cortada.

Kajuna correu atrás de *Kenejua* até que encontrou ele e matou. Tinha outro homem com *Kenejua* (provavelmente, *Kutia*); *Tekwaria*²⁶ flechou ele no peito, mas ele conseguiu fugir.” Ninguém mais soube dele.

Este breve relato, obtido inicialmente durante um dos períodos em que estive em “Marujewara”, no primeiro semestre de 1983, possibilita estabelecer algumas comparações com o fato aqui abordado, ainda que devam ser guardadas as suas limitações. Assim é que, primeiramente, apenas um daqueles dois Parakanã, *Kutia*, pode-se dizer era inexperiente quanto ao manejo de armas, ao se apartar de seu grupo

²⁶ Em 1989, pude rever esses dados com *Xorarua* e em 1992 os revi com *Tekwaria*, hoje residente em Paranatin. *Tekwaria* se constituiu no primeiro Parakanã originário de um outro aldeamento (“Marujewara”) a se casar em Paranatin.

original, visto que seu pai já se encontrava na categoria de idade *moroïrowa*. Ou seja, um homem, em geral casado com mais de uma ou duas mulheres, com filhos e conhecedor dos ofícios de confeccionar diversos artefatos, dentre os quais arco e flecha. De fato, o homem ao atingir esta categoria encontra-se acima dos quarenta anos de idade. Importa lembrar, portanto, que não se tratava aqui de dois jovens inexperientes quanto ao manejo de armas, o que proporcionaria, está claro, melhores condições de sobrevivência.

Com base no exposto, quero crer que dois aspectos devam ser salientados. Inicialmente, e a ele já me referi de passagem, é a possibilidade de tal fato - o da sobrevivência dos "perdidos" - se constituir, doravante, em rotina tendo em vista a intervenção estatal e a conseqüente reordenação na ocupação social do espaço amazônico. Se anteriormente, o inimigo estava definido, a princípio, e com ele o espaço geográfico passível de ser ocupado, havia, de certa forma, possibilidades - alternativas - para a sobrevivência em si quer pela guerra, quer pela fuga mesma. No entanto, estando os espaços ocupados e a re-ocupação sobre o espaço próprio - o meu e o do outro, inimigo ou não - em marcha, não cabe, pois, outra alternativa senão a de aceitar o contato interétnico - intenso, transformador, radical - ou, a da fuga, até quando possível. Suponho, pois, ser esta a questão vivenciada nos casos mencionados, principalmente o dos *akwawa* e o das índias Kayapó. Estes distinguem-se do da família Araweté, visto que aqui há um agrupamento humano sabedor e reprodutor de relações sociais. Assim é que a sobrevivência, na incógnita ou na forma a mais isolada que se possa encontrar, só é exequível enquanto o ambiente se mantém o conhecido, o inalterado; enquanto sobre ele se tem o domínio.

O segundo aspecto que gostaria de ressaltar está relacionado às contribuições que possam ser dadas a tais sobreviventes. Refiro-me não apenas à sobrevivência física - talvez a menos difícil de se executar em momentos como este - mas à possibilidade de uma socialização junto a um outro povo indígena. Cabe então a pergunta: - O que fazer com os "perdidos"? Alojá-los em um aldeamento? Tupi-guarani no caso? A própria situação aqui exposta não nos permite pensar esta como a melhor solução; ao menos num primeiro momento. Parece-me claro que inicialmente deva-se permanecer com eles na mata, no próprio local de contato, facultando que estudos sejam realizados no sentido de possibilitar a compreensão do modo bastante específico desenvolvido por eles para sobreviver, sem o apoio de uma sociedade. Talvez seja esta, de fato, uma solução, ao menos temporária, a fim de se encaminhar uma outra, mais definitiva e menos traumática. Sabê-los Tupi, é pouco; é

necessário um mínimo de conhecimento sobre o seu passado, a localização de seus aldeamentos anteriores, o entendimento mantido ao longo desse período com o ambiente que os cercava e que tipo de linguagem foi estabelecida e seus meios de comunicação. Com quais povos mantinham relações e, se possível, a razão do desaparecimento de seu povo.

É preciso, pois, se ter um planejamento prévio de como agir em situações semelhantes, considerando como visto que o trágico acontece de ambas as partes; quer do lado dos dois índios aqui tratados, quer do lado de quem os hospede. Não é sem razão que o processo de socialização ainda se constitui numa incógnita para esses *akwawa*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. 1992. O Corpo e o Cosmos - Relações de Gênero e o Sobrenatural entre os Asurini do Tocantins, Dissertação de Mestrado/USP, mimeo.
- BALDUS, H. 1970. TAPIRAPÉ - Tribo Tupi do Brasil Central, Cia. Ed. Nacional/Edusp, São Paulo.
- BALÉE, W. 1987. "Relatório Etnológico sobre os últimos dias da Frente de Atração do Rio Tapirapé (Município de Marabá, Est. do Pará, em 22 - 29 de outubro de 1987)".
- CEDI/MUSEU NACIONAL. 1987. TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL, apresentação de RICARDO, C. A. & OLIVEIRA FILHO, J.P. de., Rio de Janeiro.
- FAUSTO, C. 1991. Os Parakanã - O dravidiano na Amazônia - Dissertação de Mestrado, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, mimeo.
- FERNANDES, F. 1963. ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TUPINAMBÁ, Difusão Européia do Livro, 2ª edição, São Paulo.
- FUNAI. 1988. "Identificação e Delimitação da Área Indígena Apyterewa", Belém, Pará.
- FUNAI. 1992. "Relatório sobre as Áreas Indígenas APITEREWA e TRINCHEIRA - Bacajá..."
- GALLOIS, D. 1988. O Movimento na Cosmologia Waiápi: criação, expansão e transformação do Universo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, mimeo.
- KRACKE, W. 1978. FORCE AND PERSUASION: Leadership in Amazonian Society, The University of Chicago Press.
- LARAIA, R. & MATTA, R. da 1967. ÍNDIOS E CASTANHEIROS - a empresa extrativa e os índios no Médio Tocantins, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- LARAIA, R. 1972. ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TUPI CONTEMPORÂNEOS, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, mimeo.
- MAGALHÃES, A. C. 1982. Os Parakanã: quando o rumo da estrada e o curso das águas perpassam a vida de um povo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, mimeo.

- MAGALHÃES, A. C. 1985. "Área Indígena Apyterewa (Parakanã do Igarapé Bom Jardim), Relatório ao Convênio CVRD/FUNAI", Belém.
- MAGALHÃES, A. C. 1987. "OS PARAKANÃ: um estudo sobre a Noção de Pessoa", Projeto de Pesquisa de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- MAGALHÃES, A. C. 1988. "O Povo Indígena Parakanã", in AS HIDRELÉTRICAS DO XINGU E OS POVOS INDÍGENAS, Comissão Pró-Índio/São Paulo, São Paulo.
- MAGALHÃES, A. C. 1990. "O espaço cerimonial entre os Parakanã - análise preliminar", trabalho apresentado à XVII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, GT. - Rituais e Cosmologia: reflexões sobre as sociedades indígenas da América do Sul Tropical, coordenado pela Profa. Bruna Franchetto.
- MAGALHÃES, A. C. 1991. "As Nações Indígenas e os Projetos Econômicos de Estado - a política de ocupação do espaço na Amazônia", in O CERCO ESTÁ SE FECHANDO - o impacto do grande capital na Amazônia, Jean Hebette (ORG.), Ed. Vozes, FASE, UFPa/NAEA, Petrópolis/RJ.
- MENENDEZ, M. 1989. Os Kawahiwa - uma contribuição para o estudo dos Tupi Centrais, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, mimeo.
- METRAUX, A. 1979. A RELIGIÃO DOS TUPINAMBÁS, Ed. Nacional/Hucitec, São Paulo.
- MOORE, D. et al. 1987. "Relatório da Consulta Lingüística à Frente de Atração do Rio Tapirapé, em 10 - 15 de outubro de 1987".
- NICHOLSON, V. 1978. ASPECTOS DA LÍNGUA ASURINI, Summer Institute of Linguistics, Brasília/DF.
- SANTOS, L. & ANDRADE L. 1988. AS HIDRELÉTRICAS DO XINGU E OS POVOS INDÍGENAS - SANTOS, L. & ANDRADE, L. (Coord.) Comissão Pró-Índio de São Paulo, São Paulo.
- VIDAL, L. 1977. MORTE E VIDA DE UMA SOCIEDADE INDÍGENA BRASILEIRA, Hucitec/Edusp, São Paulo.
- VIDAL, L. 1985. "A situação atual dos índios Xikrin do Bacajá - Pará...", Relatório à Companhia Vale do Rio Doce, São Paulo.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1986. ARAWETE - OS DEUSES CANIBAIS, Zahar Ed./Anpocs, Rio de Janeiro.

Recebido em 22.01.91

Aprovado em 14.04.92

ANEXO I

Vocábulos coletados junto aos *akwawa*, no aldeamento Paranatin
outubro/novembro - 1987

* = palavras coletadas por MOORE & MACIEL (1987)

** = palavras coletadas por BALÉE (1987)

Akwawa	Português	Parakanã
1. <i>atiwi</i>	= ombro	<i>ati'ywa</i>
2. <i>auti</i>	= jabuti	<i>xaotia</i>
3. <i>awá</i>	= gente	<i>awa</i>
4. <i>awati*</i>	= milho	<i>awatia</i>
5. <i>biju*</i>	= algodão	<i>aminijua</i>
6. <i>diê</i>	= rede	<i>tupawa</i>
7. <i>dity</i>	= batata	<i>xityn</i>
8. <i>diu</i>	= espinho	<i>xowa</i>
9. <i>haha</i>	= cabelo	<i>iawa</i>
10. <i>haku**</i>	= quente	<i>haku</i>
11. <i>hanhu</i>	= cachorro	<i>jawara</i>
12. <i>hanivé</i>	= barba	<i>henywawa</i>
13. <i>hati</i>	= dor	<i>hahí</i>
14. <i>hatu</i>	= bom	<i>katu</i>
15. <i>havanhé</i>	= bigode	<i>iamotawa</i>
16. <i>hawa**</i>	= gente/homem	<i>awa</i>
17. <i>hawé</i>	= unha	<i>kwapé</i>
18. <i>hehá</i>	= nome	<i>hera</i>
19. <i>hemá</i>	= olho	<i>heia</i>
20. <i>hive**</i>	= folha	<i>ka'a</i>
21. <i>huku</i>	= urucum	<i>rukua</i>
22. <i>i</i>	= água	<i>ya</i>
23. <i>ima</i>	= corda do arco	<i>wirapa'uma</i>
24. <i>iaopé</i>	= arco	<i>wirapara</i>
25. <i>ipa'i</i>	= tipo de cipó	<i>kurawa/ipowya</i>
26. <i>ita*</i>	= faca	<i>kye'ia</i>
27. <i>ivuti</i>	= peneira	<i>irupema</i>
28. <i>iwapé</i>	= fruto do coco babaçu	<i>inata</i>
29. <i>korai*</i>	= sol	<i>kwara'ia</i>
30. <i>kupia**</i>	= fruto do cupuaçu	<i>kupya</i>
31. <i>mani'á</i>	= mandioca	<i>mani'anga</i>
32. <i>mamiu</i>	= mamão	<i>mamão</i>
33. <i>miri</i>	= sangue	<i>iwya</i>
34. <i>mitu</i>	= mutum	<i>mitôa</i>
35. <i>ne pi</i>	= teu pé	<i>ne pya</i>
36. <i>nhambira</i>	= orelha	<i>namia</i>
37. <i>nho</i>	= castanha-do-pará	<i>xôa</i>
38. <i>nho</i>	= pelo branco	<i>tyn</i>
39. <i>paho</i>	= banana	<i>xata</i>
40. <i>panaku</i>	= cesto para transporte	<i>manaku</i>

41. <i>petam</i>	= cigarro/fumo	<i>petyma</i>
42. <i>pepa'i</i>	= panela de barro	<i>xa'e</i>
43. <i>pina'u</i>	= palha-de-babaçu	<i>pinawa</i>
44. <i>tawé</i>	= flecha com ponta de taquara	<i>o'ywa</i>
45. <i>taku'i</i>	= pedra para amolar	<i>ita</i>
46. <i>tati</i>	= fogo	<i>tata</i>
47. <i>tupā**</i>	= corda	<i>i'uma</i>
48. <i>tupā**</i>	= trovão	<i>topoa/onowarun</i>
49. <i>uĩ</i>	= flecha	<i>o'ywa</i>
50. <i>u'i*</i>	= farinha	<i>o'ia</i>
51. <i>ukaru**</i>	= comer	<i>ukaru</i>
52. <i>uka**</i>	= dormir	<i>oken</i>

OBS.: 53. registrei também o termo *not* que parece se constituir em designativo de afirmação, como se fosse “é isso mesmo”; temos como exemplo a pergunta feita: *Mu pa hera?* (Qual o nome/ Onde está o nome?), apontando para o coco babaçu - a resposta era: “*Iwape, iwapé not*”.

ANEXO II

Mito de origem Parakanã (coletado no aldeamento Paranatin)

Ao acontecer a grande cheia, restou apenas uma árvore, a palmeira de bacaba, onde *Wirapyna* (filho de *Maíra*) se refugiou e para onde se dirigiram todas as aves. Uma dessas aves, um passarinho (*Wirajatin* = um periquito, às vezes dizem arara) cagou sobre a cabeça de *Wirapyna*. O cabelo de *Wirapyna* caiu, então, todinho (daí os Parakanã terem a cabeça raspada).

Ao baixar as águas, alguns animais chegaram junto da bacabeira e disseram a *Wirapyna* que ele poderia descer. Primeiro, foi o veado branco (*marujê*); depois, o porco-do-mato (*taxahua*); depois, a anta (*tapi'ira*). *Wirapyna*, toda vez que um bicho falava prá ele descer, ele primeiro experimentava colocando o pé, devagarzinho. Mas, a terra ainda tava mole e, então, ele não descia. Dizia: - “A terra tá mole”. Até que chegou a vez da anta; ela disse: - “Agora pode descer, tá duro a terra”. Ele experimentou e ainda achou a terra mole. A anta correu de novo e disse prá *Wirapyna* descer. Aí *Wirapyna* experimentou de novo e achou que tava bom, que a terra tava duro, e ele desceu. Aí, *Wirapyna* foi procurar coisa prá comer e foi caçar. Todo dia *Wirapyna* ia caçar. Um dia ele voltou e encontrou farinha e mingau prontos. Então ele falou: - “Quem fez farinha e mingau?”. Ele não sabia. E assim acontecia todo

dia. Num dia ele foi caçar, mas voltou mais cedo e se escondeu. Viu, então, duas mulheres, uma morena e outra branca preparando a farinha e o mingau. As duas se chamavam *Wiratin*. Então, *Wirapyna* pegou a morena prá ele e mandou a branca embora (por isso, os Parakanã são morenos). Fizeram, então, muitos filhos e *Wirapyna* foi colocando nome em cada um deles. Primeiro, *Tapi 'pya*, depois *Apyterewa*, depois, *Wirapyna*, depois, *Mikotywena*, depois *Makakawa*, depois *Marujewara*, depois *Pa 'ametiwena*, depois *Tymokwera* (desses dois últimos não há mais descendentes).

Cada um tinha uma casa grande e moravam todos num mesmo lugar, no *Jakuiú* (um igarapé que deságua no rio Pucuruí). Um dia um menino *Apyterewa* matou um passarinho igual ao que cagou na cabeça de *Wirapyna*. Aí todo mundo acabou brigando e se separaram.